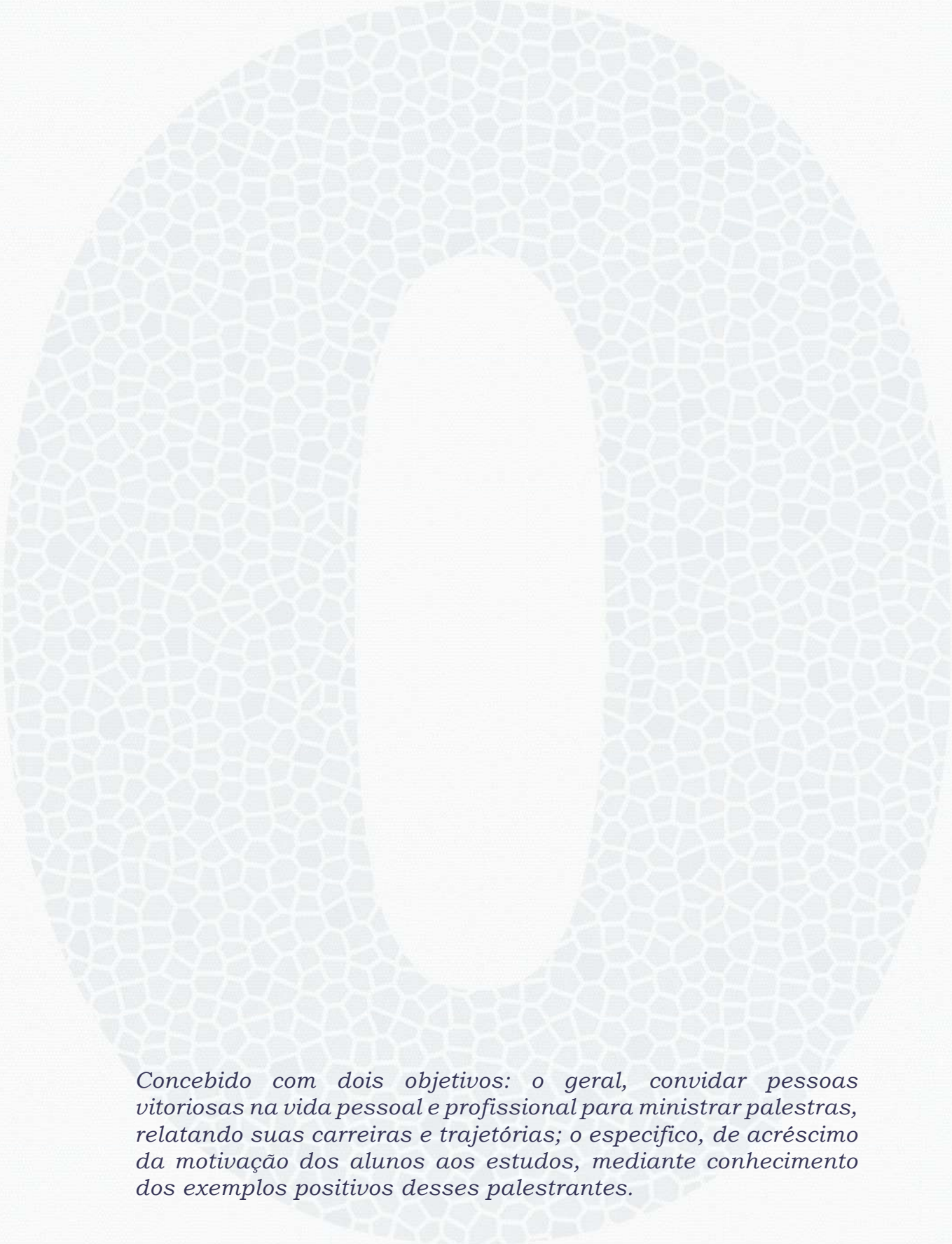


UNIBRASIL 
ACADEMIA 



Concebido com dois objetivos: o geral, convidar pessoas vitoriosas na vida pessoal e profissional para ministrar palestras, relatando suas carreiras e trajetórias; o específico, de acréscimo da motivação dos alunos aos estudos, mediante conhecimento dos exemplos positivos desses palestrantes.

Continuidade dos estudos: desafios

Estamos passando por uma situação que era totalmente fora dos nossos planos; existia enquanto um cenário possível e em modelos, mas com baixa probabilidade. O conhecimento científico já indicava que esta possibilidade estava se tornando cada vez mais próxima do nosso cotidiano, ou seja, mais real. Consoante com a minha formação e atividade de docência e pesquisa, não possuo competência para falar dos aspectos ecológicos, biológicos e físicos desta configuração. Entretanto, a partir da psicologia analítica podemos traçar uma certa compreensão desse processo.

Em nosso campo, da Psicologia do estudo dos símbolos e dos processos de fantasia e imagens, compreendemos que há uma profunda mudança na forma de pensar e na própria configuração da psique na sociedade ocidental contemporânea, uma mudança “epocal”. Isto é, de padrões de pensamento, percepção, relacionamento, modos e modelos de ser e existir no mundo, que configuram um determinado período de tempo, ou seja, uma época. Estamos em uma mudança desses modos de ser e de pensar.

Como recurso, podemos condensar isso em imagens ou metáforas. Neste sentido, compreendemos que há uma emergência do que se denomina feminino, ou em termos do pensamento oriental do Yin. Trata-se da valorização e reconsideração do papel, da função e da importância do afeto, do sentimento, dos vínculos, da cooperação e do deslocamento da centralidade do humano na natureza, incluindo-o numa rede de relações da qual ele é parte e dependente.

A este modo se complementam e se opõe o modo de ser condensado na imagem do masculino ou no conceito oriental do Yang. Nesta configuração, é valorizada a comissão, a competição, o indivíduo enquanto capaz de transformar a natureza e o ser humano usufruindo da mesma, tomando-a como objeto e distinto dela.

Está consolidado que este último modo de ser caracteriza a sociedade moderna. De certa forma, a sua própria realização, eficiência e efetividade levaram ao seu limite e causaram o seu esgotamento. Isto é evidenciado pelas diversas crises que emergem neste momento: crise social, ambiental, ecológica e de próprio sentido. Crises que a ciência apontava no horizonte.

Paradoxalmente, essas crises se devem ao extremo sucesso do modelo de ciência e do pensamento moderno, e exigem para sua superação não um afastamento da ciência e do pensamento, mas uma imersão e uso mais intenso e profundo deles. Isto se deve ao fato que o próprio movimento da ciência e do pensamento mostra seus limites e engendra as possibilidades de sua superação. Obviamente, implica na ampliação do alcance e em mudanças no pensamento para incluir nele o que estamos designando pela imagem de “emergência do feminino”. Deste modo, não se deve abandonar o pensamento, mas trilhar os caminhos que ele aponta e aceitar sua transformação e mudanças de sentido e finalidade.

AUTOR

Carlos Augusto Serbena

Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina; professor da graduação e do mestrado em Psicologia da UFPR.

O sentido e a finalidade do indivíduo na Idade Média eram salvação da alma, pois o ser humano estava condenado nesta terra de pecados e desgraças. O conhecimento fundamental e valorizado era destinado a este fim. O grande problema era que existiam diferentes caminhos para a salvação da alma; diferentes opções implicavam no erro, na condenação e ao “inferno” todas as outras escolhas que não a sua. Nesse sentido podemos ver as guerras religiosas que assolavam a Europa. Como uma forma de ultrapassar essas diferenças, Descartes utilizou como ferramenta o pensamento, procurando uma certeza absoluta e independente da *res extensa* e do sujeito que pensa; logo a fórmula “penso, logo existo”. Assim, a racionalidade moderna se coloca a serviço de um projeto de transcender os problemas e as diferenças pelo adequado uso do raciocínio, submetendo tudo a ela. Este projeto da modernidade se coloca no século das luzes, ou Iluminismo, e pode ser resumido na consigna “ousar saber”, ou seja, o próprio sujeito é responsável pela sua menoridade.

Essa racionalidade também traz um distanciamento do homem em relação à sua própria natureza, ou seja, seus afetos, desejos, fantasias, percepções e sensações, seu próprio corpo visto como máquina, e ao mundo externo. Assim, ele se posiciona distante da parte de si que o vincula ao mundo, aos outros e a si mesmo, metaforicamente condensada na imagem do Feminino.

Neste movimento, a ciência e o saber pretendem libertar o homem do falso conhecimento, que traz conflitos e desolação, através da aplicação da racionalidade e dos saberes, e assim melhorar ou aperfeiçoar o mundo e a si mesmo.

Elemento fundamental neste processo é a Educação. Neste sentido, sua finalidade é desenvolver a capacidade de conhecimento e pensamento do homem. A premissa implícita é que quanto mais o sujeito souber, melhor ele será. Entretanto, as guerras mundiais e a destruição decorrentes no século 20, a desigualdade social, as diversas crises tais como a ecológica, ambiental e econômica no século 21 mostram que se a razão é condição indispensável, não é suficiente para preencher e dar um sentido à existência humana e torná-la consistente e segura. Deste modo, o projeto Iluminista entra em crise e o próprio sentido da Educação implantada na modernidade também entra em crise.

Com a perda do sentido da transcendência da razão Iluminista e de sua promessa de

melhoria pelo saber, a Educação perde a sua “aura “ e resta apenas a Educação como um meio de adequação ou desempenho social, de desenvolvimento de competências e habilidades e não mais de cidadania (sentido moderno) ou de transformação do próprio sujeito. Cabe perguntar: esta Educação é suficiente?

As Ciências Humanas e particularmente a Psicologia surgem, ou melhor, emergem dentro deste projeto Iluminista, e através do conhecimento possibilitam catalisar ou melhorar o desenvolvimento humano ou o próprio homem. As crises que fazem entrar em questionamento este projeto ou sentido da Educação também impactam na Psicologia e nas Ciências Humanas.

A Educação e a própria formação intelectual sempre foram vistos como um valor em si mesmas. Entretanto, em uma sociedade cujo valor do conhecimento e da ciência está em questionamento e em crise, a Educação e seu ápice, a graduação no ensino superior, tornam-se mais um objeto entre os outros e, deste modo, há estudantes que escolhem a faculdade por ser perto de sua casa ou do trabalho. A lógica da escolha não é uma possibilidade de crescimento pessoal, mas sim da possibilidade de satisfação do seu próprio desejo, facilidades ou reforço de sua posição.

Deste modo, o processo educacional está distante de se constituir em algo que transforma o sujeito, mas sim em objeto de consumo para proporcionar satisfação. O saber da psicodinâmica (que inclui o inconsciente) mostra que a transformação do aprendiz implica em deixar algo de si; ir além de si mesmo e na presença de um desconforto ou insatisfação com sua própria posição, seu próprio conhecimento é uma abertura ao novo. Essas características indicam a atuação de um movimento ou impulso presente na psique do aprendiz de desenvolvimento, crescimento pessoal e de autorrealização. Para isso, o aprendiz ou sujeito possui a percepção de uma falta e de uma insatisfação que o fazem buscar algo além de si próprio no ensino e no conhecimento.

Entretanto este movimento de autorrealização pode ser realizado parcialmente pela educação ou conhecimento. O aprendiz desenvolve competências e habilidades mas não transforma a si próprio, no que a partir de certo ponto podemos denominar “educação bancária”, de acúmulo de conhecimento apenas. A realização plena deste movimento implica na transformação do próprio sujeito, ampliando a consciência de si mesmo, do mundo e das relações sociais. Em termos de sentimentos e percepções iniciais, uma educação apenas cumulativa é mais satisfatória no momento, pois não acarreta a saída do sujeito de sua zona de conforto, e com a angústia de não saber, da incerteza e da frustração de suas limitações.

O processo educativo que transforma, retira e questiona a sua posição é subversivo, pois torna o aprendiz insatisfeito consigo mesmo e com sua autoimagem. Entretanto, é justamente isso que o leva a se transformar e a se conectar com impulso ou movimento dentro de si, que leva à sua autorrealização.

Para isso ocorrer é necessária uma disposição do próprio

sujeito e um ambiente propício de aprendizagem e de transformação. Note-se que há diversas possibilidades de aprendizagem, e no entanto os ambientes para transformação pessoal não são, necessariamente, os mesmos da aprendizagem.

A Psicologia, pelo menos na minha compreensão, mostra que o ser humano é um ser em relação, na relação com o outro se apresentam não apenas conteúdos, mas posturas, valores, formas de pensar, métodos de pensamento e afetos. Assim esta relação facilita e estimula a transformação de si próprio.

Deste modo podemos pensar a graduação e a comunidade universitária, não apenas com o objetivo de desenvolvimento de habilidades e competências para o exercício de uma profissão, mas na própria transformação do acadêmico em direção aos valores, ética, atitudes e comportamentos relativos àquela própria profissão e ao seu respectivo campo do saber. De alguma forma, ele deve aprender e até mesmo desejar, aceitar e suportar suas crises e lacunas para se constituir um bom profissional. De forma paradoxal na ciência, diferente da religião ou do mito ou da opinião, quanto mais o sujeito nela se insere, mais ele deve ser capaz de perceber e aceitar os seus limites. Assim, deve ser claro ao estudante a percepção das lacunas no seu conhecimento e de si próprio e, conseqüentemente, a necessidade de continuidade de estudo e formação por diversos modos. Isso tanto para a sua formação como para superar as crises e desafios que são postos atualmente.

Entretanto vemos na sociedade não este apropriar-se do conhecimento e do pensamento, mas uma desvalorização e abandono do mesmo, pois a ciência e o pensamento mostram os limites e a finitude dos desejos e do próprio alcance do ser humano. Isso significa conviver com incerteza, angústia, com a responsabilidade e a liberdade de escolhas que são incertas. A fuga do pensamento é também uma defesa e uma recusa desses conflitos, assim tende-se a retornar a velhas certezas, a modelos ultrapassados e dogmas e mesmo a um pensamento mágico para tentar dar conta de uma realidade que ultrapassa o nosso entendimento.

Assim a formação tradicional dada pela educação formal mostra-se necessária, mas insuficiente e de certa forma defasada. Do mesmo modo que para ultrapassar as crises e a pandemia não são necessárias menos educação ou formação, e sim mais conhecimento da ciência.

Contextualizando para o ensino superior,

este é desafiado a oferecer mais educação porém em novos modos que não apenas tragam os benefícios do modelo anterior em termos de efetividade e capacidade de compreensão do mundo, mas também que essa compreensão seja alargada de modo a incluir o homem nesta teia de relações mais ampla.

Retomando o aspecto metafórico da situação, a emergência do feminino implica que a competição, a busca de recursos, a instrumentalização do mundo, sua monetização e a busca de eficiência por meio do lucro, apesar de importantes e necessários, são limitados. É preciso ter objetivos mais amplos que incluam a realização do ser humano e a sobrevivência do homem e da própria biosfera. A Educação, nesse sentido, além de valorizar a competência técnica e cognitiva, deve buscar competências de compreensão desses modos de relacionamento e de vínculo no ser humano. Isso inclui competências emocionais, de empatia, compreensão do outro, de descentração, a necessidade de uma ética que não seja simplesmente de um indivíduo, mas de todo um sistema.

Conforme colocado, o conhecimento mais recente, tanto na psicodinâmica quanto nas neurociências mostra que o desenvolvimento da cognição e do pensamento representacional apenas ocorre após o estabelecimento de estruturação de uma consciência por meio de vínculos emocionais e afetivos, isso é, afeto e cognição são complementares e não opostos.

Assim, podemos pensar a graduação não apenas como o desenvolvimento de habilidades e competências para o exercício de uma profissão, mas na própria transformação do acadêmico em direção aos valores, ética, atitudes e comportamentos relativos àquela própria profissão.

A universidade e o ensino superior são tradicionalmente as instituições de formação técnica e científica, apesar de desafiados e com defasagem são necessários e fundamentais no mundo moderno. De certo modo, a universidade é uma comunidade de conhecimento, na qual várias pessoas se reúnem, trabalham em uma direção comum, seja de formação, de pesquisa ou de conhecimento. Entretanto a formação deles se mostra insuficiente; para se inserir, dar conta dessas demandas, é necessária uma formação continuada e de certa forma constante, o que implica na realização ou oferta de recursos específicos tais como extensão ou pós-graduação.

Observa-se que se essa formação repete os modelos anteriores, corre o grande risco de não responder às demandas e às necessidades do momento; pode incorporar elementos emergentes e conseguir formar, ao menos parcialmente, uma comunidade de conhecimento. Os vínculos, a cooperação e os encontros que advém do movimento, da informação e da apreensão do conhecimento já implicam em uma transformação e uma resposta ao desafio atual.

Assim se faz importante uma formação continuada para se aprofundar e se apropriar do conhecimento e do pensamento; contudo, não repetir simplesmente os modelos e valores tradicionais é um desafio colocado para as instituições, os profissionais e a toda a sociedade.